

Lembra-te de que vais morrer! Misérias da vida em comum em tempos de pandemia

Remember that you will die! Miseries of common life in times of scourge

Rodrigo Barros Gewehr*

Resumo: Através de temas de atualidade que circularam em jornais e relatórios de organizações não-governamentais, este ensaio procura interrogar a epidemia de SARS-CoV-2 tendo como eixo norteador o que Artaud denomina, em seu texto *O teatro e a peste*, como desvios da moral e fracassos da psicologia em situações de flagelo. Que sentimentos uma situação de flagelo desperta no ser humano? E como esses sentimentos contagiam as narrativas que tentam se apropriar e interpretar o caos? Trata-se de pensar o momento atual sem se lançar em tentações de predição; um exercício de pensar a urgência despida de seu inerente apelo ao messianismo, buscando permanecer no patamar do flagelo. Temas como engenharia social, o caráter religioso assumido pelo discurso científico e a noção de desmedida servem-nos de elementos transversais de análise.

Palavras-chave: Pandemia; Engenharia Social; Ciência; Religião; Desmedida

Abstract: Based on different topics from newspapers and reports of non-governmental organisations, this essay aims at questioning the current SARS-CoV-2 epidemic guided by what Artaud calls, in his text *The theatre and the Plague*, as moral deviations and psychological failures in scourges conditions. What kind of feelings a scourging situation awakens in human beings? And how do these feelings contaminate the narratives that try to capture and interpret the chaos? It will be an exercise of thinking the current moment trying to avoid struggles of prediction; an exercise of thinking the urgency stripped of its inner appeal to messianism, seeking to remain at the bare level of the scourge. Themes such as social engineering, the religious character assumed by the scientific discourses and the notion of excessiveness are used as transversal elements of analysis.

Keywords: Pandemic; Social Engineering; Science; Religion; Excessiveness

Sob a ação do flagelo, os quadros da sociedade se liquefazem. A ordem desmorona. Ele presença todos os desvios da moral, todos os fracassos da psicologia, escuta em si mesmo os murmúrios de seus humores, corroidos, em plena destruição, e que, num vertiginoso desperdício de matéria, ficam pesados e aos poucos metamorfoseiam-se em carvão¹.

Independente de causas ou mesmo das consequências, o que vivemos é um flagelo, no amplo sentido que esta palavra comporta: punição divina para os crentes no apocalipse; satisfação autoerótica do sofrimento infligido na carne do gozo proibido, ou na carne da dor desejada; ou ainda um latente desejo de morte que também se revela na temeridade de alguns gestos pessoais e de algumas ações de dirigentes políticos. Esta epidemia possui certamente uma realidade biológica, o que não exclui seu caráter político; e o choque dessas placas tectônicas provoca por vezes reações que vão do desprezo pelo outro ao culto deliberado da morte.

¹ ARTAUD, *O teatro e seu duplo*, 25.

* Professor do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia na Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL. E-mail: poesiadotodia@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3274-7032>

Ambos os horizontes, o biológico e o político, são potencialmente epidêmicos. E se há um flagelo que atinge a carne, a *vida nua*, capturada pela política, também resiste a essa captura. Se nossas formas de vida são constantemente reduzidas a um quase-fisiologismo – da probabilidade de ser tocado pelo flagelo, do flagelo cotidiano da miséria, dos excessos impostos por um modo de produção depredador – se estamos já contagiados pela política dos corpos, ainda resta a carne exposta ao flagelo, os ossos atirados à vala, sem nome, sem sexo, sem culto. Ainda resta a carne como resto, a carne do flagelo intransferível, embora isso não nos poupe da política dos restos, da política que gere até os microrganismos. Mesmo os vírus são entes políticos submetidos a pressões econômicas, a crer numa instituição conservadora como a Organização Mundial da Saúde (OMS)² e em críticos do capitalismo como Achille Mbembe³ e Rob Wallace⁴. Existe ainda quem prefira pensar no flagelo como açoite de uma natureza cansada, resposta autoimune de um planeta que estaria farto de nosso contínuo abuso desenfreado, e estaria reagindo, assim como a pele desvela os agravos do corpo nas erupções cutâneas. Ou simplesmente calamidade, aflição, angústia, tortura moral. Disseminação de doença contagiosa. Fatalidade aleatória de um processo biológico descompromissado com os sentidos atribuídos à vida, ou fatalismo profético de um mundo em decadência. Ou simplesmente, peste.

São variadas as encarnações e agendas políticas do mesmo flagelo, que não pode ser simplesmente resumido nas curvas de tendências estatísticas ou reduzido à “auto-otimização”⁵, à faixa de risco a que cada qual pertence, a probabilidades cientificamente validadas. Houve um antes da peste? Não estaríamos desde sempre condenados? Há questões mezinhas, e questões de fome, que são tão ou mais prementes que a geopolítica da pandemia. Os murmúrios dos pulmões ofegantes, da esperança corroída pelo medo; dos hospitais superlotados; das gentes correndo pelos corredores das enfermarias para dar um ar de controle racional ao que é, no final das contas, apenas um adiamento; a chaga das desigualdades sociais que só se mostra mais intensa sob a urgência da epidemia. Muitas são as faces do mesmo flagelo.

O furor dos acontecimentos bota alguns de joelhos nas ruas a rezar por uma salvação milagrosa. Outros se põem a mirar adiante, a juntar seus argumentos e construir previsões, mais ou menos cétricas, ao gosto de suas visões de mundo. Diferentes matizes de crença ganham a praça pública, agora esvaziada e aflita. Há quem acredite numa reinvenção do socialismo, outros num capitalismo ainda reforçado e potencializado por estratégias de controle cada vez mais eficazes por que mais dissimuladas. Interroga-se o valor da vida e a validade da ciência, as sutilezas do estado de exceção, os muitos modos de o estado se apropriar de nossos corpos. Apocalípticos ou esperançosos, ecologicamente responsáveis ou paranoicos, “tudo o que existe é justo e injusto, e em ambos os casos é igualmente justificado”⁶, poderíamos dizer com o jovem Nietzsche de *O nascimento da tragédia*.

Em suas recentes análises sobre as normas de distanciamento social impostas na Itália – eufemismo para “confinamento”, diz o autor⁷, Agamben alerta para as estratégias de engenharia social que surgem ou são reforçadas pelo regime de exceção que se instaurou em nome do *bem comum* e do *cuidado com a vida*. No lugar do despotencializado terrorismo, a epidemia seria a nova face do estado de exceção, forjando um perpétuo estado de medo, tornando cada indivíduo um potencial pestífero e rompendo assim os liames sociais

² WHO, *Responding to the avian influenza pandemic threat*, 3-4.

³ MBEMBE, *O direito universal à respiração*, n/p.

⁴ WALLACE, *Big farms make big flu*, 298.

⁵ CAYLEY, *Questions about the current pandemic from the point of view of Ivan Illich*, n/p.

⁶ NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*, 69.

⁷ AGAMBEN, *Distanziamento sociale*, n/p.

através da ideia de contágio. Estratégia sem dúvida redentora para um sistema político à beira do colapso. *La peste c'era già*, afirma Agamben⁸ ao chamar atenção para as condições de vida intoleráveis que já estavam presentes na sociedade (e de repente esvaecem diante de nós os imigrantes, os campos de refugiados, as guerras no Oriente Médio. A calamidade que bate à porta tem também a virtude de calar as misérias outras)⁹.

“No que se transformam as relações humanas em um país que se habitua a viver de tal modo, não se sabe por quanto tempo? E o que é uma sociedade que não tem outro valor senão a sobrevivência?”¹⁰. É preciso dizer, antes de mais, que aqui nos trópicos esse é o pão cotidiano de muita gente, que esse estado de vida em que se luta pela sobrevivência é não só uma prática diária de milhões de pessoas como também uma forma de governança, um conjunto de técnicas que perpetuam as desigualdades e mesmo algumas sombras do escravismo. O flagelo do vírus não faz senão reforçar o flagelo cotidiano das pessoas. Uma vez mais, o horizonte político-econômico da pandemia se entrelaça ao biológico. Ninguém adoece da mesma doença.

Esta situação não é específica do Brasil, e basta que nos atenhamos às graves situações relativas a imigrantes na Europa para que tenhamos espaços comuns de diálogo sobre a miséria das condições de vida impostas aos seres humanos. E aqui no Brasil estamos falando de mais de cinquenta milhões de pessoas (de acordo com a última Síntese de Indicadores Sociais do IBGE), que são excluídas, se não de direito, de fato, dos serviços de saúde, do direito à moradia, saneamento, entre outros aspectos fundamentais da vida em comum. Isso sem dúvida reforça a ideia de que uma peste já estava em andamento, e não é de hoje; flagelos que incluem aspectos sanitários, diretamente relacionados à disseminação de viroses como a do SARS-CoV-2. Em janeiro de 2015, um estudo da OMS sobre o primeiro ano da epidemia de ebola iniciada em 2014 na África ocidental tratava dos fatores que contribuíram para a propagação velada do vírus, o que causou uma epidemia sem precedentes desta cepa viral desde sua descoberta. Dentre as razões apontadas, estão a disseminação em grandes cidades e a debilitada estrutura dos serviços de saúde, incluindo aqui a penúria de agentes de saúde. Além disso, o mesmo estudo, tratando da origem provável da epidemia, aponta que sua causa estaria ligada a um contato com animais selvagens. O desmatamento para fins de exploração estrangeira de minas e de madeira teria aproximado das pessoas animais selvagens potencialmente infectados¹¹.

O coletivo chinês Chuang, numa recente publicação sobre a epidemia de SARS-CoV-2 na China, e particularmente em seu epicentro, Wuhan, chega a conclusões muito semelhantes a da OMS, reforçando a relação entre agentes microbiológicos e modo de produção. Noutros termos, trata-se de pensar a relação entre economia e epidemiologia. Para se entender esta epidemia na China, afirma o coletivo, é preciso considerar a associação do país ao modo de produção capitalista global e suas reverberações no sistema público de saúde, em constante processo de desmonte. Semelhante ao caso da gripe espanhola, o coronavírus pôde espalhar-se rapidamente por conta de uma ampla degradação dos

⁸ AGAMBEN, *Riflessione sulla peste*, n/p.

⁹ UNITED NATIONS REFUGEE AGENCY, *The Rights and Health of Refugees, Migrants and Stateless Must Be Protected in COVID-19 Response*, n/p. Outras declarações da Unicef (UNICEF, *COVID-19: Les populations de réfugiés, des migrants et de personnes déplacées pourraient être dévastées*, n/p), e da ONU Migration (ONU MIGRATION, *L'OIM publie des directives sur la protection des travailleurs migrants pendant la crise de COVID-19 à destination des employeurs et des entreprises*, n/p) dão conta do perigo iminente que essas populações correm. Outro dado dessas declarações é a recorrência de *should, must, devrait* em seus textos, mostrando indiretamente a situação desoladora em que essas pessoas de fato já estão. O mesmo vale para regiões em conflito, tais como Líbia, Síria, Iêmen.

¹⁰ AGAMBEN, *Chiariamenti*, n/p.

¹¹ OMS, *Les origines de l'épidémie d'Ebola, 2014*, n/p.

cuidados básicos de saúde da população em geral¹². A pobreza e a degradação dos meios de vida, acentuada pelo modo de produção, como um vetor potencial não apenas do surgimento, mas da expansão das epidemias virais.

Dadas tais condições, as respostas securitárias soam como quase-obviedades contra as quais seria um absurdo opor-se, pois que são *em defesa do bem comum*, como se usa dizer. Em tal contexto, temas como “passaporte de imunidade”¹³ ou monitoramento de movimentação via celular nos são passados como palatáveis. Os graves precedentes insinuados nesse tipo de ação estatal ficam em segundo plano diante do objetivo de favorecer a volta ao trabalho, a volta ao “normal”, para que as pessoas possam retomar suas vidas. A depender de que vidas sejam estas, é a volta à peste que *c’era già*. Situações calamitosas como as que vivemos podem facilmente resultar em levantes populares, pela escassez, pelo esgotamento a que as pessoas são levadas. As respostas securitárias, num exercício de engenharia social, tentam dar conta de prevenir essa eventualidade, e investiriam no confinamento como forma de neutralizar eventuais movimentos de sublevação. Não se conhece, todavia, o potencial insurgente das “pequenas misérias” alimentadas no confinamento.

E se na peste tudo desmorona, emergem também da peste as tentativas de sanar o mal, donde derivam os costumeiros exercícios de futurologia, ou quiçá mesmo de messianismo. Diante do assombro de uma calamidade, sempre se buscou a magia de alguma certeza, ou a penitência, ou a desmedida. Dos *pharmakoi* da antiga Atenas aos reis taumaturgos¹⁴ e às danças festivas em meio a cadáveres na Idade Média¹⁵, peste e doenças são acompanhadas de estratégias terapêuticas que associam frequentemente expiação e cura; e que estão sempre imbricadas a relações de poder. Surge aqui a figura do bode expiatório, do envenenador, do celerado, ou seja, daquele que está contaminado por um delito, pestífero, *untore*; daquele que é imolado para curar as faltas de uma cidade.

No caso do *pharmakos*, conta Derrida citando Tzétzès, “se uma calamidade se abatesse sobre a cidade, exprimindo a cólera de deus, fome, peste ou qualquer outra catástrofe, eles conduziam em sacrifício o homem mais feio de todos como forma de purificação e como remédio aos sofrimentos da cidade”¹⁶. Tomaso Campanella, por sua vez, afirma que na *Cidade do Sol*, o sacrifício de purificação teria como oferenda o mais perfeito dos cidadãos, que se oferece espontaneamente, após realizada a “oração a Deus para que aceite aquele sacrifício nobre e voluntário humano (não de animais involuntários como fazem os gentios)”¹⁷. O objetivo final segue sendo a busca de remédios, humanos ou divinos, para o mal da cidade e de seus cidadãos, sempre à custa de alguém.

Belo ou feio, voluntário ou não, o dado concreto é que pobres sofrem mais, que a expiação nunca é desprovida de uma *mise en scène*, e que hoje como outrora imola-se *em nome do bem comum*, ou *em defesa da vida*, sem que necessariamente o imolado esteja a par de seu lugar no palco. Em relatório de 2005, quando já alertava para a iminente irrupção de uma pandemia de influenza, a OMS também dizia que tendo em vista o alto custo das atividades de preparação e ensaio de planos de resposta para uma epidemia, países ricos eram (e continuam sendo) os mais bem preparados, mesmo que isso não chegue nem

¹² CHUANG, *Social Contagion. Microbiological Class War in China*, n/p.

¹³ Conf. THE GUARDIAN, 'Immunity passports' could speed up return to work after Covid-19, n/p; e JONES, *Government is 'looking at' introducing immunity passports, Matt Hancock confirms*, n/p.

¹⁴ BLOCH, *Os reis taumaturgos*, 295.

¹⁵ KAISER, *Vénus et la mort*, VII.

¹⁶ DERRIDA, *La pharmacie de Platon*, 340.

¹⁷ CAMPANELLA, *La città del sole*, 33.

próximo do que a OMS previa como cenário¹⁸. O problema concentrava-se, continua o relatório, na aquisição de drogas antivirais e vacinas: “Uma pesquisa da OMS de novembro de 2004 chegou à dura conclusão que, no rumo atual, a maioria dos países em desenvolvimento não teria acesso à vacina durante a primeira onda de uma pandemia, e possivelmente ao longo de toda sua duração”¹⁹.

Passados quinze anos desse relatório, vemos que sequer países ditos desenvolvidos estavam preparados para a emergência súbita de um flagelo. E não se trata ainda de pensar na resposta antecipada em termos de vacinas, mas sim de itens tão básicos quanto máscaras ou testes para mapear a epidemia. No mais, segue sendo precisa a avaliação de que países ditos em desenvolvimento continuam vulneráveis, notadamente quando a urgência bate à porta de forma quase simultânea ao redor do planeta.

Há que se interrogar, neste contexto, as propagandas de solidariedade, a que servem, e o que dissimulam. Por certo que nos aquece ver gestos de boa vontade, as *spese sospese* na Itália, as doações aqui e ali, as palmas aos profissionais de saúde, certo clima de que estamos todos juntos numa só batalha pela vida. Em meio à miséria, quem não gosta de se sentir cuidado? Tais gestos – como os do médico, diria Tolstói – satisfazem “a eterna necessidade humana da esperança de um alívio, a necessidade de solidariedade e de cuidado que sente uma pessoa na hora do sofrimento”²⁰. Satisfazem também, é de se imaginar, quem propõe tais gestos, numa espécie de humanismo generalizado ou ainda caridade, para quem tem fé. Mas não será isso apenas a mãe ou a babá que “esfregam ou beijam o lugar machucado”²¹, que assopram o *dodói* assegurando que tudo vai passar? Não será isso tudo apenas mais um desejo de reconforto do que um bálsamo efetivo?

E há que se pensar também nos desvios morais, inclusive naqueles que se vestem de generosidade. Se a peste faz a ordem desmoronar e os quadros da sociedade se liquefazem, isso não impede que certos padrões de funcionamento se perpetuem, ou mesmo se potencializem. Deixemos uma fresta aberta à generosidade, para que se possa arejar o ambiente pestilento do mundo e não miremos apenas os abutres que rondam os corpos caídos. Mas não esqueçamos que “o mundo vive dos seus matadouros”²², como observa ainda Artaud; e quem sempre negociou com a morte dos outros dificilmente deixará de fazê-lo do dia para a noite, simplesmente por que o mundo se encontra suspenso, ou por que a doença pode também atingi-lo. Antes pelo contrário, lembra Camus em *A peste*, é difícil, é raro que no mais grave da doença os sentimentos humanos prevaleçam sobre o medo de uma morte torturada²³.

Aqui se pode falar nos muitos *faits divers* da peste que circulam pelos jornais: os EUA acusados de pirataria por desvio de equipamentos médicos adquiridos por outros países, inclusive o Brasil. Os mesmos EUA implementaram barreiras para a exportação de suprimentos médicos, nisso juntando-se a outros tantos países que estão praticando, desde o início do ano e na contramão do discurso de solidariedade, diferentes barreiras comerciais, notadamente sobre provisões relacionadas à pandemia: “até 21 de março de 2020, 46 restrições de exportação sobre suprimentos médicos foram introduzidas por 54 governos, desde o início do ano. 33 destas restrições de exportação foram anunciadas desde o início deste mês [março de 2020], um indicativo do quão rápido novas restrições comerciais estão

¹⁸ WHO, *Responding to the avian influenza pandemic threat: recommended strategic actions*, 2-3.

¹⁹ WHO, *Responding to the avian influenza pandemic threat: recommended strategic actions*, 2.

²⁰ TOLSTÓI, *Guerra e paz*, 799.

²¹ TOLSTÓI, *Guerra e paz*, 799.

²² ARTAUD, *Escritos de Antonin Artaud*, 29.

²³ CAMUS, *La Peste*, 85.

se espalhando mundo afora”²⁴. Especificamente no Brasil, temos imbróglios que se desenvolvem no âmbito do sistema judiciário: hospitais privados que acusam governo de confiscar EPIs; a negativa à ação que pedia utilização de leitos de UTIs privadas pelo SUS; o TST que derruba liminar obrigando o metrô de São Paulo a distribuir material de proteção a trabalhadores. Deixando o plano dos labirintos institucionais, carreatas contra as medidas de confinamento, aumentos abusivos de preços, aumento da violência doméstica, sem contar os indicadores de pobreza e miséria apontando em riste para o alto. Ao final desta lista, a suprema ironia do “quem puder, fique em casa”, forma mitigada do “salve-se quem puder”²⁵.

Não é de espantar que nos lancemos a previsões, mesmo que catastróficas; que nos entretenhemos com cenários possíveis do pós-pestes. Mas já houve um antes da peste? A doença convoca por si mesma um antídoto, que pode inclusive ser a morte; e a peste, no fim das contas, tem também uma face prospectiva. Não foi a peste que lançou Édipo na trilha de sua terrível descoberta? O remédio, todavia, como vemos pelo exemplo mesmo de Édipo, pode ser amargo; e o mesmo *pharmakon* que cura é o veneno que mata. É prudente também não esquecer que a medicina está sempre, e a todo momento, exercendo poder político, mesmo quando o mascara em retóricas de cuidado com a vida.

Assim como a política – e mesmo a necropolítica – grassa por detrás dos gestos de boa vontade, é conveniente não esquecer dos perigos latentes nas ações da medicina. “Ficam falando de remédios”, diz o Napoleão de Tolstói, “Ora, remédios, quando nem conseguem sequer curar um resfriado?”²⁶. Realidade nua, que se repete uma vez mais, a cada vez com maior nível de alerta das autoridades de saúde, enquanto as respostas efetivas, os antídotos conta a epidemia, seguem sendo muito semelhantes, dos fatos à ficção: com efeito, as estratégias de combate à gripe espanhola não foram muito diferentes do que vemos hoje, nas estratégias sugeridas para a luta contra o coronavírus, nem diferem de modo expressivo do que Camus desenha em *A peste*²⁷: confinamentos, serviços fechados, higiene, remédios mágicos. Um avanço vertiginoso em termos de técnicas sofisticadas como ressonância magnética convive com a impotência de curar uma gripe, como denunciava já o exasperado Napoleão de Tolstói. No entanto, essa incapacidade da medicina vem acompanhada de uma demanda de direito sobre a vida, lembra Soljenitzine²⁸, e mais ainda, do direito a decretar medidas de exceção²⁹.

Junto aos projetos de engenharia social que as medidas de confinamento vêm ensaiando, outro elemento de destaque em nosso atual flagelo é o apelo à ciência, é a insistência em nos basearmos em dados científicos, como se fosse a ciência o reduto último de salvação do humano diante da calamidade. A ciência assume um caráter nitidamente religioso, trazendo a boa nova e alertando para o desastre caso suas *therapeies*, mas sobretudo seus *pharmakoi* não sejam seguidos com o rigor dos protocolos científicos internacionais. “É como se a necessidade religiosa, que a Igreja não é mais capaz de satisfazer, buscasse, Tateando, um outro lugar no qual assentar-se e o encontrasse naquela que se tornou de fato a religião de nosso tempo: a ciência. Esta, como qualquer religião, pode produzir superstição e medo, ou bem ser usada para difundi-los”³⁰.

²⁴ GLOBAL TRADE ALERT, *Tackling covid-19 together. The trade policy dimension*, 2.

²⁵ Todas as notícias aqui aludidas seguem referenciadas ao final, na bibliografia.

²⁶ TOLSTÓI, *Guerra e paz*, 950.

²⁷ Cf. BERTUCCI-MARTINS, *Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918*, 146; e CAMUS, *La peste*, 66.

²⁸ SOLJENITZINE, *O pavilhão de cancerosos*, 115.

²⁹ CAYLEY, *Questions about the current pandemic from the point of view of Ivan Illich*, n/p.

³⁰ AGAMBEN, *Riflessione sulla peste*, n/p.

A insistência das mídias e dos agentes políticos em mostrar a ciência e a medicina como tábuas de salvação, esconde frequentemente que tanto uma quanto outra agem com recortes raciais e de classe. Ciência e medicina estão, de forma deliberada ou não, submetidas a uma estrutura narrativa que reforça o aspecto terapêutico de suas ações – aspecto por sinal duvidoso – ao tempo que oculta as decisões políticas que muitas vezes inclusive se sobrepõem a qualquer lógica de “cura”. Basta pensarmos na questão do uso das máscaras como método de prevenção de contágio: em janeiro de 2020, a OMS não recomendava o uso de máscaras pois não havia, segundo diziam, *evidências* de sua utilidade para proteger pessoas não doentes. Em abril, a mesma OMS refere-se a evidências de que as máscaras podem prevenir a expansão de gotículas infecciosas e a potencial contaminação do ambiente por essas gotículas³¹. Considerando a quantidade de pessoas portadoras do SARS-CoV-2 que são assintomáticas, a barganha com as evidências é mesmo uma questão científica? Não haveria também aí questões econômicas, relacionadas, por exemplo, à possibilidade de falta de EPIs em hospitais? As mídias acompanharam essa maré da evidência científica, e se ontem insistiam que o uso indiscriminado de máscaras beirava a ignorância, hoje reforçam diuturnamente a necessidade imprescindível, cientificamente validada, do uso de máscaras.

A evidência científica é tratada, neste como noutros casos, tal qual um amuleto mágico e também como argumento de autoridade. Ela trabalha com a superstição das pessoas na luta contra um agente invisível infiltrado na tessitura da vida, e opera na chave do dogma, do *Magister dixit* inquestionável. O uso político do discurso científico se alia ao empreendimento de engenharia social, reforçado pelo *cuidado com a vida*, que nos deixa indefesos diante da magnitude do problema e da lisura da intenção. A necessidade de reiterar o poder das evidências traz consigo também seu negativo, ou seja, que a ideia mesma de evidência científica é frágil, e que a sociedade está longe de se pautar pelo que seriam os avatares da racionalidade, para escândalo dos herdeiros do iluminismo. A manipulação política do discurso científico é um indício a mais de sua debilidade, ontológica, epistemológica e ética.

Entretanto, para além desse uso político, o que escapa nas entrelinhas dessas narrativas da cruzada médica pelo bem comum é o perigo inerente às suas ações, à iatrogênese da própria ação médica, para retomar Ivan Illich. “O silêncio sobre a probabilidade desse perigo, mantido pelas oficinas de lanternagem humana, é nova manifestação pública da incapacidade da profissão médica de fazer uma profunda autocrítica, o que só pode trazer consequências sinistras para a sociedade”³². Voltando ao que já foi dito acima, é difícil pensar que se opte por abrir mão do conforto obtido através de alguma droga prescrita pela medicina, ou deixar de realizar algum recorte no corpo que nos traga um alívio qualquer e o tão positivado “aumento da expectativa de vida”. Mas latente a isso tudo está o sentimento difuso de que a morte ronda cada gesto médico, e que no fundo a medicina não sabe o que está fazendo para além de certos limites bastante exíguos, e que todo o resto é experimento.

Entregar-se na mão de um médico tem lá suas semelhanças, resguardadas as técnicas e o alcance das mesmas, com o entregar-se na mão de um padre, e em ambas as atitudes há um gesto de fé, recompensada aqui pela benção e acolá por alguma droga; ambos os gestos aliviam a dor, ambos são uma espécie de dietética, ainda que entregar-se à medicina possa, nalguma medida, render-nos um pouco mais de tempo. Não se trata de fazer reduções simplistas. A medicina tem-se debruçado em construir protocolos que nos auxiliem a enfrentar as misérias da carne com mais dignidade. É sem dúvida muito melhor fazer uma litotripsia que uma litotomia; e quem irá se opor ao uso de anestésicos numa intervenção

³¹ WHO, *Advice on the Use of Masks* – 06/04/2020.

³² ILLICH, *A expropriação da saúde*, 31.

cirúrgica? Mas qual a taxa de problemas gerados pelo próprio ato médico e pela estrutura de serviços de saúde como um todo? Em termos proporcionais, “indústrias com um risco percebido bastante mais alto, tais como as indústrias de aviação e nuclear, têm um histórico de segurança muito melhor que os serviços de saúde”, afirma ainda a OMS³³. Não podemos nos esquecer, também, que a distribuição dos atos médicos é bastante desigual se considerarmos as diferentes regiões do planeta e, dentro mesmo de nosso país, as diferentes regiões do Brasil. Não há dúvidas, tampouco, que abnegados profissionais de saúde dão inclusive a própria vida para atender as pessoas, populações em risco, situações de emergência. No entanto, esses gestos muitas vezes obscurecem a máquina que gira suas engrenagens implacáveis por debaixo do exercício da arte da cura. O poder determinante das indústrias farmacêuticas, o efeito incerto de suas drogas, o desmonte dos sistemas de saúde, a carência de assistência em regiões pobres – muitas vezes alimentada pela própria formação médica, pelo corporativismo de suas instituições: tudo isso é parte do mesmo cenário, cujo horizonte é invariavelmente a morte.

É neste obscurantismo latente no próprio campo da saúde, que obscurantistas notórios aproveitam para vender remédios milagrosos em meio a epidemias, que teorias das mais espalhafatosas ganham a praça pública, enquanto alguns suplicam de joelho e outros dançam sobre cadáveres, que astutos aproveitadores se organizam para fazer dinheiro com a miséria do povo. Uma desmedida fundamental habita a noção de peste, a começar pela desmedida da própria peste, com seu caráter de evento extraordinário e de consequências desproporcionais, como lembra Christine Dumas-Reungoat a propósito dos mitos de pragas e de fim do mundo³⁴. Há também a desmedida dos gestos que associam o flagelo às tentativas de cura, tentativas que deixam tantas pessoas à deriva, que selecionam entre os moribundos aqueles que vão talvez viver, e os que serão imolados; a desmedida das predições de futuro a que se lançam os intérpretes da vida, revelando um *pathos* teleológico – ou no melhor dos casos finalístico – que muitas vezes negam existir no pensamento contemporâneo. É preciso também acrescentar que essa desmedida dos gestos não é de forma alguma aleatória: é uma *hybris* que tem seus cálculos, suas projeções, suas especulações no mercado de futuros. Se muitos morrem, nem todos são imolados. Por fim, a desmedida do próprio fim, evento certo e sem certidão que o valha.

O que será de nós após esta calamidade? Tudo há de se tornar carvão. Assim como o dono da tabacaria há de morrer, e Fernando Pessoa, e a tabuleta da tabacaria, e a rua onde morou, e seus versos, *e a língua em que foram escritos os versos*, e por fim o planeta³⁵. Isso, a rigor, não quer dizer muita coisa, pois que este saber hipotético não nos poupa de seguir inventando planetas e versos e tabacarias e tabuletas. No entanto, seria possível pensar esse momento sem a necessidade de esboçar um qualquer vindouro? Sem escorregar para algum tipo de messianismo? Podemos nos deter apenas nos desvios da moral e nos fracassos da psicologia, sem esquecer que o *amor fati* guarda também em si um anseio de vida? A questão mais premente talvez seja a de interrogarmos o que fazemos de nós durante esta pandemia, que narrativas emergem desse estado de suspensão em que o mundo se vê lançado e do qual não se sabe se, quando e como irá sair. Pois a peste *c’era già*, e quiçá nunca tenha existido um antes da peste. Somos todos condenados, mas a condenação é brutalmente seletiva. Nem o destino comum nos une. Todo o resto é crença nalgum futuro incerto, limbo onde religião, filosofia e ciência se encontram, mesmo que às escondidas. O que temos como alimento em nosso prato é o flagelo, e um grito surdo de fundo, que é universal, mas radicalmente desigual, ou mesmo injusto: *memento mori!*

³³ WHO, *Patient Safety and Risk Management*, n/p.

³⁴ DUMAS-REUNGOAT, *La démesure à l’œuvre dans les mythes de fléaux et de fin du monde*, 45.

³⁵ PESSOA, *Tabacaria*, 260.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Chiariamenti. *Quodlibet*, Roma, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti> Acesso em: 10 abr. 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. Contagio. *Quodlibet*, Roma, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-contagio> Acesso em: 10 abr. 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. Distanziamento sociale. *Quodlibet*, Roma, 06 abr. 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-distanziamento-sociale> Acesso em: 10 abr. 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*, I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. *L'uso dei corpi. Homo sacer*, IV, 2. Vicenza: Neri Pozza Editore, 2014.
- AGAMBEN, Giorgio. *Riflessione sulla peste. Quodlibet*, Roma, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-riflessioni-sulla-peste> Acesso em: 15 abr. 2020.
- ARTAUD, Antonin. *Escritos de Antonin Artaud*. Tradução de Claudio Willer. 2. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Max Limonad, 1987.
- BBC. Coronavirus: US accused of 'piracy' over mask 'confiscation'. *BBC*, London, 04 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-52161995> Acessado em: 14 abr. 2020.
- BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. vol. 12, n. 01, Rio de Janeiro, p. 143-57, jan.-abr. 2005.
- BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos. O caráter sobrenatural do poder régio – França e Inglaterra*. Tradução de Julia Mainardi. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CAMPANELLA, Tommaso. *La città del sole*. Roma: Newton & Compton, 1995.
- CAMUS, Albert. *La peste*. Paris: Gallimard, 1955.
- CAYLEY, David. Questions about the Current Pandemic from the Point of View of Ivan Illich. *Quodlibet*, Roma, 08 abr. 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/david-cayley-questions-about-the-current-pandemic-from-the-point> Acesso em: 10 abr. 2020.
- CHUANG. Social Contagion. Microbiological Class War in China. *Chuang*, Beijing, 26 fev. 2020. Disponível em: <http://chuangcn.org/2020/02/social-contagion/> Acesso em: 15 abr. 2020
- DERRIDA, Jacques. *La pharmacie de Platon*. Paris: Flammarion, 2004.
- DUMAS-REUNGOAT, Christine. La démesure à l'œuvre dans les mythes de fléaux et de fin du monde. *Kentron*. n. 22, p. 45-66, 2006.
- GLOBAL TRADE ALERT. *Tackling COVID-19 Together. The Trade Policy Dimension*. Swiss Institute of International Economics and Department of Economics. University of St. Gallen, Switzerland, 2020.
- IBGE. *Síntese de indicadores sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira 2019*. São Paulo: IBGE, 2019.

ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde. Nêmesis da medicina*. Tradução de José Kosinski de Cavalcanti. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JEUNE AFRIQUE. Libye, Syrie, Yémen... Quel est l'impact du coronavirus sur les conflits au Moyen-Orient ? *Jeune Afrique*, Tunis, 07 abr. 2020. Disponível em: <https://www.jeuneafrique.com/923059/politique/libye-syrie-yemen-quel-est-limpact-du-coronavirus-sur-les-conflits-au-moyen-orient/> Acesso em: 13 abr. 2020.

JONES, Amy. Government is 'looking at' introducing immunity passports, Matt Hancock confirms. *The Telegraph*, London, 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/politics/2020/04/02/government-looking-introducing-immunity-passports-matt-hancock/> Acesso em: 15 abr. 2020.

KAISER, Gert. *Vénus et la mort: un grand thème de l'histoire culturelle de l'Europe*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1999.

LESTER, Simon. The Trump Administration Joins the Rush to Restrict Medical Supply Exports. *Cato Institute*, Washington 08 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cato.org/blog/trump-administration-joins-rush-restrict-medical-supply-exports> Acesso em: 14 abr. 2020.

MBEMBE, Achille. *O direito universal à respiração*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OMS. Les origines de l'épidémie d'Ebola 2014. *Organisation Mondiale de la Santé*, Zurich, jan. 2015. Disponível em: <https://www.who.int/csr/disease/ebola/one-year-report/virus-origin/fr/> Acesso em: 15 abr. 2020.

ONU MIGRATION. L'OIM publie des directives sur la protection des travailleurs migrants pendant la crise de COVID-19 à destination des employeurs et des entreprises. *Onu Migration*, New York, 04 abr. 2020. Disponível em: <https://www.iom.int/fr/news/loim-publie-des-directives-sur-la-protection-des-travailleurs-migrants-pendant-la-crise-de> Acesso em: 13 abr. 2020.

ONU. Chefe da ONU alerta para aumento da violência doméstica em meio à pandemia do coronavírus. *Onu*, New York 06 abr. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/amp/> Acesso em: 14 abr. 2020.

ONU. Covid-19: l'ONU juge essentiel un arrêt des combats en Syrie pour éviter une tragédie. *Onu*, New York, 28 mar. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/fr/story/2020/03/1065292> Acesso em: 13 abr. 2020.

PARAGUASSU, Lisandra. U.S. denies hijacking Chinese medical supplies meant for Brazil. *Reuters*, New York, 07 abr. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-brazil-usa/u-s-denies-hijacking-chinese-medical-supplies-meant-for-brazil-idUSKBN21P315> Acesso em: 14 abr. 2020.

PESSOA, Fernando. *O eu profundo e outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ROVER, Tadeu. TST derruba liminar que obrigava metrô a dar material de proteção a trabalhadores. *Consultor Jurídico*, Brasília, 08 abr. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-abr-08/tst-derruba-liminar-obrigava-metro-protoger-trabalhadores> Acesso em: 15 abr. 2020.

SOLJENITZINE, Alexander. *O pavilhão de cancerosos*. Tradução de Silva Jambeiro e Áurea Weisseberg. 5. Ed. São Paulo: Expressão e Cultura, 1975.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Ministro nega ação que pedia utilização de leitos de UTIs privadas pelo SUS. *Supremo Tribunal Federal*, Brasília, 03 abr. 2020. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=440821> Acesso em: 14 abr. 2020.

TARJA, Alex. Hospitais privados acionam STF e dizem que governo está 'confiscando' EPIs. *UOL*, São Paulo, 04 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/04/hospitais-privados-acionam-stf-e-dizem-que-governo-esta-confiscando-epis.htm> Acesso em: 14 abr. 2020.

THE GUARDIAN. 'Immunity passports' could speed up return to work after Covid-19. *The Guardian*, London, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/30/immunity-passports-could-speed-up-return-to-work-after-covid-19> Acesso em: 14 abr. 2020.

THE GUARDIAN. Trump and 3M reach deal to allow N95 face masks to be exported to Canada. *The Guardian*, London, 06 abr. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/06/us-blocks-face-masks-canada-n95-protection-equipment> Acesso em: 14 abr. 2020.

TOLSTÓI, Liev. *Guerra e paz*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

UNICEF. COVID-19: Les populations de réfugiés, des migrants et de personnes déplacées pourraient être dévastées. *Unicef*, Zurich, 01 abr. 04 2020. Disponível em: <https://www.unicef.fr/article/covid-19-les-populations-de-refugies-de-migrants-et-de-personnes-deplacees-pourraient-etre-o> Acesso em: 13 abr. 2020.

UNITED NATIONS REFUGEE AGENCY. The Rights and Health of Refugees, Migrants and Stateless Must Be Protected in COVID-19 Response. *United Nations Refugee Agency*, New York, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/press/2020/3/5e836f164/rights-health-refugees-migrants-stateless-must-protected-covid-19-response.html> Acesso em: 13 abr. 2020.

WALLACE, Rob. *Big Farms Make Big Flu. Dispatches on Infectious Disease, Agribusiness, and the Nature of Science*. New York: Monthly Review Press, 2016.

WHALEN, Jeanne. et al. White House scrambles to scoop up medical supplies worldwide, angering Canada, Germany. *The Washington Post*, Washington, 04 abr. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/business/2020/04/03/white-house-scrambles-scoop-up-medical-supplies-angering-canada-germany/> Acesso em: 14 abr. 2020.

WHO. *Advice on the use of masks in the context of COVID-19*. World Health Organisation. 06/04/2020. Disponível em: [https://www.who.int/publications-detail/advice-on-the-use-of-masks-in-the-community-during-home-care-and-in-healthcare-settings-in-the-context-of-the-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)-outbreak](https://www.who.int/publications-detail/advice-on-the-use-of-masks-in-the-community-during-home-care-and-in-healthcare-settings-in-the-context-of-the-novel-coronavirus-(2019-ncov)-outbreak) Acesso em: 14 abr. 2020.

WHO. *Patient Safety and Risk Management*. World Health Organisation, New York, Ago. 2019. Disponível em: https://www.who.int/features/factfiles/patient_safety/en/ Acesso em: 15 abr. 2020.

WHO. *Responding to the Avian Influenza Pandemic Threat*. World Health Organisation: Global Influenza Program, 2005.